
INDÚSTRIA DA ESPIONAGEM: PONTE COMERCIAL OU OBSTÁCULO À PAZ?

Frederico Bonaldo¹
Arthur Marques Silva²

Resumo:

O presente artigo visa trazer à tona a questão da indústria da espionagem em uma perspectiva filosófica e antropológica decorrente de paradoxal diferença havida entre seus objetivos, quais sejam, busca pela paz e segurança em contraponto aos ganhos econômicos. Procurar-se-á, inicialmente, estabelecer um prospecto acerca da atividade de espionagem como ferramenta histórica de poder, evoluindo de tática militar para um ramo da indústria que ostenta expressivos ganhos financeiros, em especial ao longo das últimas décadas. Prosseguir-se-á a presente análise trazendo à tona a obra de Kant, *A paz perpétua*, e seu impacto para a indústria da espionagem. Em seguida far-se-ão comparações com a *realpolitik* e sua aplicabilidade ao tema, buscando verificar se os objetivos supracitados podem coexistir. O presente artigo procurou utilizar-se de elementos históricos e contemporâneos, fazendo relação entre a geopolítica atual e as raízes históricas da espionagem na busca por seus alvos.

Palavras-chave: indústria da espionagem; comércio; paz; Kant; relações internacionais.

Introdução

As relações humanas são marcadas, notoriamente, pela beligerância entre as partes envolvidas. Motivos comerciais, políticos, religiosos, geográficos e históricos são premissas utilizadas para o início de conflitos internos e externos.

¹ Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Católica de Santos (UniSantos). Professor da Graduação em Direito e em Filosofia da UniSantos. Doutor em Filosofia do Direito e do Estado pela PUC-SP. Mestre em Direito pela UERJ. Instituição: Universidade Católica de Santos. Brasil. E-mail: fredericobonaldo@gmail.com

² Mestrando em Direito Internacional pela Universidade Católica de Santos Especialista em Direito Público pela Faculdade Professor Damásio de Jesus Procurador Autárquico do Instituto de Previdência do Município de Santo André. Instituição: Universidade Católica de Santos. Brasil. E-mail: amsilva@unisantos.br

A guerra em campo aberto muitas vezes era vista como a melhor alternativa entre os adversários, restando aos corpos militares chocarem-se a fim de fazer exsurgir do sangue da batalha um vencedor que pudesse clamar os louros da vitória³.

Entretanto, nem sempre a vitória militar clássica era vista como a melhor das opções; e mesmo quando o era, necessitava de aparatos que fizessem com que os esforços ali empregados fossem mais efetivos, ou seja, mais bem empregados⁴.

Com esta necessidade premente surge a atividade da espionagem que, em franca evolução desde então, vem sendo empregada pelos Estados e poderosos como meio de angariar informações, tornando a própria informação um fragmento do poder, de modo que se lhe pode aplicar, *mutatis mutandis*, a expressão de que conhecimento é poder explorada por Thomas Hobbes que, em *De Corpore* afirma que “o fim do conhecimento é o poder”⁵ (nossa tradução).

Porém a espionagem – que iniciou o seu trilhar como uma ferramenta estatal – encontrou na iniciativa privada uma arena para se proliferar e prosperar. De fato, o atual posicionamento da indústria da espionagem, em uma sociedade cada vez mais líquida e volátil, não mais pode ser encarado como mero apêndice estatal, haja vista que, como em clássico caso literário em que a criatura domina o seu criador, a indústria da espionagem hoje, embebida no ideais capitalistas, vem se tornando cada vez mais autônoma, deixando de agir meramente como uma ferramenta de dominação do Estado, passando a atender o chamado do capital.

E esta mudança de perspectiva causa uma incômoda situação para os sujeitos clássicos do Direito Internacional, apresentando-se como verdadeiro paradoxo kantiano: seria a atuação da indústria da espionagem uma faceta do relacionamento econômico garantidor final da paz entre as nações ou residiria nela – criada para auxiliar – obstáculo intransponível aos auspícios de paz eterna, uma vez que

³ De fato, a tática militar de um ataque frontal, comum até o século XIX por exemplo, era vista como uma tática eficaz no campo de batalha, ainda que desprovida de maiores refinamentos estratégicos. É vista como um último recurso, pois coloca os combatentes atacantes diante de uma posição em que a defesa inimiga consegue repelir a investida com menores perdas (PHIFER, Michiko. *A Handbook of Military Strategy and Tactics*, New Delhi: Vij Multimedia, 2012, p. 168)

⁴ Neste ponto observa-se que MAKINDE, ao comentar a obra de John Hughes-Wilson (*On Intelligence: The History of Espionage and the Secret World*), lembra que autores como Maquiavel, Sun Tzu e Clausewitz referenciam a espionagem como uma importante ferramenta militar para a defesa dos interesses nacionais (MAKINDE, Adeyinka. Book Review: *On Intelligence: The History of Espionage and the Secret World*. *Global Security and Intelligence Studies*: Vol. 2: No. 1, Article 8).

⁵ Texto original: “The end of knowledge is power” (HOBBS, Thomas. *De Corpore*, Part I, Chapter I (On Philosophy). In: *Thomas Hobbes, The English Works of Thomas Hobbes of Malmesbury*. London: John Bohn, Henrietta Street, Convent Garden, 1839, p. 7).

a reserva de conhecimento, inerente à própria atuação neste campo, é, nas palavras do supracitado filósofo alemão, um fator impeditivo ao alcance do referido objetivo?

Destaca-se que a análise que se pretende realizar encontra-se pautada em um estudo precípua da obra *A paz perpétua*, de Immanuel Kant, em comparação com a atividade de espionagem, partindo de suas origens históricas até a contemporaneidade. Como base ao pensamento contrário trazido por Kant pretende-se estudar a *realpolitik* e sua aplicabilidade no campo da espionagem e dos interesses comerciais.

Com esta questão filosófica e antropológica em mente, o presente artigo procura tecer críticas às visões conflitantes citadas, buscando, ao fim, ofertar sua própria visão sobre o tema, não deixando de ter como norte as aspirações kantianas que buscam a paz entre os povos.

1. Espionagem: ferramenta histórica de poder

Ao longo da história conhecida do homem, a espionagem é vista como uma ferramenta empregada pelos Estados e pelos poderosos. Exemplos da prática da espionagem podem ser retirados tanto do mundo ocidental como do mundo oriental. Em sua obra mais conhecida *De iure belli ac pacis* (*Do direito da guerra e da paz*, 1625), o jurista holandês Hugo Grócio cita como exemplo de utilização deste artifício aquele do qual se valeu, em tempos bíblicos, Moisés ao enviar espiões para a Terra Prometida, do qual Joshua era um deles (GROTIUS, 1901, p. 331).

Ainda no âmbito ocidental, podem-se citar como precursores desta ferramenta Alexandre, o Grande e Júlio César, os quais confiavam grande parte de suas estratégias militares às informações que lhes haviam sido confiadas por seus espiões, tornando as batalhas a serem travadas substancialmente mais próximas do ideal vitorioso por eles esperados.

Da mesma forma, no Oriente, Sun Tzu teceu diversos comentários acerca não somente da possibilidade, mas também da própria necessidade de se valer dos estratagemas criados ou descobertos por espiões, a fim de que a vitória em uma batalha se desse de maneira mais factível. A esta ferramenta o filósofo chinês trouxe em sua obra mais conhecida, *A arte da guerra*, dentro do capítulo final “Da arte de semear a discórdia”, uma ampla diversidade de considerações que se deve ter em mente até mesmo antes de se ingressar em um campo de batalha (SUN TZU, 2006, p. 75-79).

Igualmente, ainda que de maneira indireta, o politólogo italiano Nicolau Maquiavel, em *O príncipe*, atribui ao governante a necessidade de, afastando-se da ética, utilizar-se de todas as estratégias possíveis para manter-se no poder; pode-se observar claramente aqui a inserção da ideia motora da espionagem em seus ideais (MAQUIAVEL, 2010).

E a evolução da espionagem tornou este instrumento um ente associado à atividade estatal, havendo uma clara predileção para que os Estados empregassem meios cada vez mais inventivos para coligir informações sobre seus adversários. Ademais, contos de espiões e espiãs circundam a cultura popular de maneira que a posição de um oficial de inteligência – nomenclatura utilizada pelos Estados atualmente – seja mistificada e vista como uma carreira a seguir.

Em que pesem as glórias que se espera da atividade do espião, é cediço que os Estados não mais vêm desempenhando esta atividade de maneira privativa, contando cada vez mais com o auxílio do setor privado para ver satisfeitos os seus desejos.

Diante deste processo de “terceirização”, diversas empresas e indústrias vieram a florescer neste campo, tornando a atividade de espionagem – com anterior viés intrínseco aos Estados – como forma de negócio⁶.

Com efeito – e aqui procurar-se-á utilizar de maneira exemplificativa a indústria de defesa e espionagem norte-americanas –, diversas companhias foram criadas e prosperam com a economia da guerra preventiva (UCHITELLE, 2017), conforme se observa pelo grau de organização que atingiram, da qual dá testemunho a criação, em 1919, da *National Defense Industrial Association*⁷, a qual se encontra sediada estrategicamente na cidade de Arlington, no estado da Virgínia, vizinha da capital Washington D.C.

Com o crescimento do setor, tem-se, por certo, que não é crível pensar que estas empresas não passem a prospectar novas oportunidades de negócios. Enquanto a atividade de espionagem era ligada umbilicalmente ao próprio Estado, este detinha em seu poder todas as peças da engrenagem e, desta forma, conseguia comandar os rumos da área, criando tecnologias que fossem úteis a si e aos seus aliados. Contudo, ao terceirizar a pesquisa e a ciência inerentes à atividade, dando a estas empresas efetivo poder sobre o que se desenvolve, acabou-se por criar um elementar problema.

Isto porque a atividade de espionagem restou contaminada por interesses outros que não a própria defesa do Estado e de seus aliados, pois passa a ser no capital que as empresas enxergam oportunidades. E é no capital que reside, outrossim, os problemas relacionados a esta área, haja vista

⁶ Cita-se aqui como exemplo que o Canadá vem utilizando empreiteiros particulares para prestar as informações de inteligência para suas forças especiais em contratos que giram em torno de duzentos mil dólares por ano (MAKUCH, Ben. Canada is using private intelligence contractors for its special forces (01 Mar 2018). New York, NY: Vicenews. Disponível em: <https://news.vice.com/en_ca/article/evm8m7/canada-is-using-private-intelligence-contractors-for-its-special-forces>. Acesso em: 13 fev 2019).

⁷ Consulte-se o website <<http://www.ndia.org/>>. Acesso em 06 out 2018.

que não mais se tem um total controle, por parte do Estado, de tudo aquilo que pode ser usado para conseguir vantagens em uma batalha, seja ela em campo aberto, seja ela nos bastidores do poder.

Decerto que o paradoxo criado pelo próprio Estado torna a indústria da espionagem um *homunculus* que, para sua surpresa, passa a ter onisciência de seu poder e começa buscar novos interesses.

A modernidade líquida – expressão cunhada pelo filósofo Zygmunt Bauman –, ao tratar do atual período da história – ao qual atribui as características de rapidez e dinâmica não antes vistas no tecido social (BAUMAN, 2001) –, serve também, com acurada precisão, para designar a transformação sofrida nas relações travadas por esta indústria.

Indaga-se então, em uma perspectiva criada com fundamento na obra *A paz perpétua*, de Immanuel Kant, se seria possível conviver com a seguinte parábola: a indústria da espionagem, por fazer parte das relações comerciais de um Estado, é necessária para manter a paz ou seria ela um percalço ao seu alcance, pois transforma as relações estatais, antes certas e cristalinas, em confusas e oblíquas?

2. Paz perpétua ou conflito eterno: quando a criação do instrumento se torna empecilho ao seu fim

Em *A paz perpétua*, Kant elabora um conjunto de enunciados que estariam aptos a levar o mundo a um período de paz eterna, no sentido mais estrito da expressão, se devidamente estudados e implementados.

O texto do filósofo alemão é audacioso e pressupõe a adoção de medidas que, nem na época de sua publicação inicial (1795) nem nos dias atuais, foram aplicadas. Entretanto, a obra de Kant oferece aspirações que, de fato, já foram levadas a cabo pelos Estados.

Exemplo de tal assertiva dá-se no que tange ao segundo artigo preliminar, o qual dispõe que “nenhum Estado independente (grande ou pequeno, aqui tanto faz) poderá ser adquirido por outro mediante herança, troca, compra ou doação” (KANT, 2008: 5). É certo que, especialmente após a Segunda Guerra Mundial, tal conceito foi implementado com grande profusão, pondo fim aos Estados-colônias na África e na Ásia, em processo supervisionado pela própria Organização das Nações Unidas.

Entretanto – e aqui é necessário realizar reflexão sobre as proposituras a seguir –, alguns postulados kantianos guardam especial relação com o tema da indústria da espionagem. Afirma-se que existe uma conectividade especial entre os postulados kantianos e a citada indústria, pois existe uma aparente concorrência finalística entre estes, quando na verdade, em uma análise mais detida, surge

uma avassaladora diferença entre seus objetivos, em que pese a obra do autor alemão não se refira particularmente sobre os perigos que podem a vir ser experimentados pelos Estados em razão da terceirização da atividade de espionagem (GERHARDT, 2005)⁸.

O primeiro postulado em que se deve meditar é aquele descrito no artigo inicial, o qual dispõe que “não deve considerar-se como válido nenhum tratado de paz que se tenha feito com a reserva secreta de elementos para uma guerra futura” (KANT, 2008, p. 4). A segunda premissa que requer atenção é aquela insculpida no terceiro artigo, que alude a que “os exércitos permanentes (*miles perpetuus*) devem, com o tempo, de todo desaparecer” (KANT, 2008, p. 6). Por derradeiro, o terceiro postulado que deve ser tomado em consideração encontra-se disposto no quinto artigo preliminar e prevê que “nenhum Estado se deve imiscuir pela força na constituição e no governo de outro Estado” (KANT, 2008, p. 5).

Em contraposição a tais postulados, os quais serão devidamente esmiuçados abaixo, cabe usar como contrapeso o ideal proposto por Kant em marcante passagem, em que se lê:

É o *espírito comercial*, que não pode coexistir com a guerra e que, mais cedo ou mais tarde, se apodera de todos os povos. Porque entre todos os poderes (meios) subordinados ao poder do Estado, o *poder do dinheiro* é decerto o mais fiel, os Estados vêm-se forçados (não certamente por motivos da moralidade) a fomentar a nobre paz e a afastar a guerra mediante negociações (KANT, 2008, p. 30-31)⁹.

A leitura conjugada dos aforismos acima traz importantes considerações aplicáveis à indústria da espionagem.

O primeiro artigo contém um conceito que impede que os Estados ajam de maneira a esconder os seus reais objetivos ou motivos quando das tratativas de acordos de paz. Ainda que haja a textual menção a acordos de paz *per se*, acredita-se ser possível estender a norma ali contida de modo a que se considerem todos os atos estatais, e não somente aqueles que sejam relacionados às tratativas de paz após um conflito armado. De fato, a indústria da espionagem mostra-se como predadora natural de tal regra, pois é de sua natureza a coleta de dados e a disseminação de informações com as quais quase sempre não se encontram paralelos às posições defendidas pelos Estados.

Da mesma maneira, o segundo postulado citado pode ser entendido como contrário aos interesses das empresas do ramo de espionagem. Isto porque é possível considerar, dentro de um âmbito

⁸ Neste ponto é interessante observar que a autora também vale-se da obra kantiana com o intuito de fazer correlação com um tema que não é inicialmente desfraldado no texto, qual seja, a saúde.

⁹ As ênfases são do original.

mais abrangente, que a espionagem faz parte do efetivo exército de um Estado; assim, estipular uma condição futura para o seu extermínio, ainda que sem data certa, certamente enfrenta a resistência de um setor que continua sendo considerado vital não somente para a defesa de um Estado, mas muitas vezes também para parte de sua economia, como se aludiu no supracitado caso dos Estados Unidos.

A terceira premissa também pode ser encarada de maneira diametralmente contrária aos interesses da espionagem. Deixar de imiscuir-se na política de outro Estado certamente encontra-se fora do intuito de tal indústria, a qual tem como inseparável característica a pretensão de agir no bojo de outros governos, coletando informações e difundindo dados que sirvam aos interesses de seu senhor.

As considerações feitas até aqui situam a indústria da espionagem como instrumento de difusão de incertezas e dubiedades, as quais, por certo, servem aos desígnios de seus criadores de origem, a saber, os sujeitos clássicos do Direito Internacional Público.

Nada obstante esta constatação, a obra de Kant oferece interessante contraponto aos postulados ponderados quando preceitua que, mais do que o poder puro, são as relações comerciais que mantêm a paz entre os Estados. De fato, o autor prussiano é categórico ao asseverar que o poder do dinheiro atuaria como estrela-guia das relações estatais, já que estas seriam mais fiéis àquele. E neste diapasão, a indústria da espionagem pode acabar buscando no poder do dinheiro outros senhores que venham a saciar sua ânsia por capital. E aqui se vê um distinto empecilho.

Se um Estado busca a paz perpétua, como se deve presumir de todos em maior ou menor medida, este deve buscar nas relações comerciais uma via para tentar lograr este escopo. E uma das vias que pode ser utilizada para realizar negócio entre Estados é a indústria de defesa, mais especificamente a indústria da espionagem, a qual possui enorme potencial econômico. Entretanto, ao utilizar a via da espionagem como acesso ao ideal de paz decorrente das relações comerciais, vislumbra-se a possibilidade de abrir-se uma verdadeira caixa de Pandora sobre o Estado de origem de determinada empresa.

Com efeito, em que pese o seu recente caminhar em direção à riqueza própria para si de maneira direta e apenas indiretamente para o seu Estado, a indústria de espionagem atua como agente tóxico contra os próprios interesses do Estado a que pertence, o qual passa a ver seus interesses expostos de maneira inesperada, encontrando-se em situação frágil no cenário internacional.

Vê-se então um notável paradoxo decorrente da própria existência da indústria da espionagem: se, por uma parte, este poderosíssimo conglomerado tem o poder do capital ao seu lado, suscitando o fortalecimento de relações comerciais entre os Estados – o que, segundo Kant, seria uma via para intensificar a busca pela paz entre os citados sujeitos –, de outra parte, constata-se que a indústria da

espionagem tem fundamentos que, por si sós, são aptos a destruir e corroer as boas tratativas entre os Estados, pois, de maneira sub-reptícia, as estradas pavimentadas por este setor levam à descrença e à desconfiança no sujeito estatal, agindo como barreira à busca da paz perpétua.

De maneira cediça, a obra kantiana causou impacto nas mais diversas áreas do conhecimento em razão da extensão que se mostra possível extrair-se das palavras trazidas no texto (GERHARDT, 2005). É por esta mesma razão que a leitura mais aprofundada da obra é necessária para compreender-se o estado atual em que se encontra a questão da indústria da espionagem. O ideal trazido à baila por Kant deve sofrer uma releitura de acordo com a realidade que se coloca perante o ser humano.

A visão kantiana é regada de otimismo em relação ao progresso do pensamento do ser humano, muito em razão do seu método de pensar e na necessidade em que este vê o ser humano encontrar-se cada vez mais esclarecido, através da educação que deve servir a tal propósito iluminista (NODARI, 2012).

A análise que ora realiza-se nada mais é do que consequência deste enfrentamento entre o otimismo kantiano com a realidade que ora se coloca no mundo, a qual diferentemente da lógica westfaliana existente à sua época, hoje é resultado de uma miríade de relações entre atores estatais e não-estais.

Estabelecido todo o anterior, faz-se mister, ainda que de maneira perfunctória, expedir comentários acerca da nossa opinião sobre o tema.

3. Perspectivas filosóficas e antropológicas para um futuro próximo: encaminhamento para a *realpolitik*

A lógica da *realpolitik* enuncia, em síntese, que a política ou a diplomacia entre os Estados deve ser baseada em seus objetivos reais, e não em metas ideais; dito de outro modo, preconiza a postura pragmática em detrimento de certa abordagem ética sobre determinado questão, sendo comumente associada à visão de defesa de um interesse nacionalista (ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA, 2018).

A *realpolitik* vem sendo aplicada por muitos Estados e governantes, ainda que não haja muitas vezes uma menção expressa ao termo. Os pensamentos defendidos por Maquiavel em *O príncipe* e pelo estadista alemão Otto von Bismarck são dois dos exemplos mais claros em que o pragmatismo das relações sobrepujou qualquer noção de ética e moral, afastando-se consequentemente dos ensinamentos de São Tomás de Aquino, por exemplo, para quem não há uma cisão entre ética e política, pois uma

das partes da moral seria denominada precisamente *política* por dizer respeito às “operações da sociedade cívica” (TOMÁS DE AQUINO, 2015, p. 72).

Mais contemporaneamente, tem-se que a política de diversos Estados vem se aproximando cada vez mais da atitude de prezar somente pelos interesses palpáveis, deixando de se importar com qualquer sorte de conflito ético que possa transparecer das ações desempenhadas pelo Estado. Em sua obra *Diplomacy*, o diplomata norte-americano Henry Kissinger defende em diversas passagens uma abordagem mais dura dos Estados Unidos perante os demais Estados, citando-se, *verbi gratia*, o comportamento do Estado norte-americano durante o governo de Richard Nixon (KISSINGER, 1994).

No atual mundo globalizado, as relações comerciais têm ocupado cada vez mais um espaço de maior destaque nas agendas internacionais dos Estados, havendo um real interesse destes em tentar valorizar não somente o fluxo, mas também a variedade de bens a serem negociados.

A atual virada na política internacional, em que aparentemente se passa a perseguir interesses nacionais em detrimento dos globais, instrumentalizando-se acordos bilaterais no lugar daqueles instrumentos multilaterais, espelha o sentimento defendido no Concerto Europeu do século XIX. Não obstante, o comércio internacional obedece a uma sistemática que se mostra cada vez mais independente e na qual as empresas detêm uma posição de maior evidência, sendo possível considerar que, em um futuro próximo, estas venham a manejar parcelas cada vez mais expressivas de poder.

A milionária indústria da espionagem, todavia, não nos parece ser apta a compor o rol de relações econômicas de um Estado, caso o que se procure seja atingir o ideal de paz perpétua proposto por Kant.

De fato, ao entabularem negócios com outros Estados e quiçá com outras forças (grupos paramilitares, terroristas, separatistas, dentre outros)¹⁰, a indústria da espionagem estará, por via oblíqua, perpetuando a sensação de insegurança que hodiernamente se tem, indo de encontro, inclusive, ao seu próprio *geist*, pois, ao invés de proporcionar uma percepção de segurança baseada no conhecimento do adversário, estaria a fomentar uma situação em que cada vez mais todos expõem as suas fraquezas, que poderiam ser cada vez mais exploradas em uma perspectiva militar.

¹⁰ Neste sentido existe notícia de que ex-empresários norte-americanos, contratados pela National Security Agency (NSA), a Agência Nacional de Segurança dos Estados Unidos da América, estão agora prestando serviços para o maior pagador, realizando inclusive ações de espionagem e vigilância contra alvos norte-americanos e de aliados dos Estados Unidos (MURPHY, Jack. Their god is money: American intelligence contractors working for the UAE (31 jan 2019). Incline Village, Nevada: NEWSREP. Disponível em: <<https://thenewsrep.com/113471/their-god-is-money-american-intelligence-contractors-working-for-the-uae/>>. Acesso em: 13 fev 2019).

Não obstante este posicionamento, não é cabível nos deslembrarmos da teoria da “destruição mútua assegurada” (*mutual assured destruction*), que, em apertada síntese, asseve que a existência de forças igualmente capazes de trazer a destruição para qualquer um dos combatentes serve não como estopim para um conflito, mas sim como um fator de dissuasão diante do receio do contragolpe a ser executado pelo adversário. Neste sentido, Kissinger explica que “a teoria da Destruição Mútua Assegurada marcou uma fuga deliberada da racionalidade na teoria estratégica ao basear a defesa na ameaça do suicídio” (KISSINGER, 2014, p. 779) ¹¹.

E em passagem embebida de razoabilidade, o autor polonês Jan Gotlib Bloch escreveu:

Não nego nem por um momento que é possível que as nações mergulhem a si mesmas e seus vizinhos em uma série assustadora de catástrofes que provavelmente resultariam na derrubada de todo governo civilizado e ordenado. Isto é claramente possível; mas quando dizemos que a guerra é impossível, queremos dizer que, sob as condições modernas, é impossível para o Estado moderno continuar a guerra com qualquer perspectiva de conseguir levá-la a um desfecho derrotando seu adversário pela força das armas no campo de batalha. Nenhuma guerra decisiva é possível. Tampouco é possível qualquer guerra, como procuro mostrar, que não implique, mesmo para o Poder vitorioso, a destruição de seus recursos e o desmembramento da sociedade. *A guerra tornou-se impossível, exceto ao preço do suicídio* (BLOCH, 1903, p. 31) ¹².

Fazemos notar que não nos parece crível – baseando-nos em uma esperada racionalidade advinda de Kant e da própria esfera de defesa e inteligência – que o objetivo da paz seja posto em risco a fim de dar guarida aos interesses comerciais a qualquer custo. A indústria da espionagem, ainda que detentora de gigantesco potencial econômico, superior inclusive a diversos setores da economia, não pode ser situada no mesmo grupo de empresas que realizam regularmente negócios internacionais¹³. Existe aqui uma patente necessidade de que haja uma constante supervisão estatal ante a simbiótica

¹¹ Texto original: “The theory of Mutual Assured Destruction marked a deliberate flight from rationality in strategic theory by basing defense on the threat of suicide”.

¹² Acrescentou-se a ênfase. Texto original: “I do not for a moment deny that it is possible for nations to plunge themselves and their neighbors into a frightful series of catastrophes which would probably result in the overturn of all civilized and ordered government. That is, of course, possible; but when we say that war is impossible we mean that is impossible for the modern State to carry on war under the modern conditions with any prospect of being able to carry that war to a conclusion defeating its adversary by force of arms on the battlefield. No decisive war is possible. Neither is any war possible, as I proceed to show, that will not entail, even upon the victorious Power, the destruction of its resources and the break-up of society. War therefore has become impossible, except at the price of suicide”.

¹³ Nesta esteira observe-se que as empresas do ramo de defesa lucraram trezentos e noventa e oito bilhões de dólares em contratos em 2018, conforme um relatório divulgado pelo SIPRI (Stockholm International Peace Research Institute). Disponível em: <<https://www.sipri.org/media/press-release/2018/global-arms-industry-us-companies-dominate-top-100-russian-arms-industry-moves-second-place>>. Acesso em: 13 fev 2019.

relação existente entre os interesses do Estado, por um lado, e os avanços e destinos da tecnologia desenvolvida e empregada, por outro.

Não pretendemos, contudo, defender cegamente a noção de que uma indústria não possa se desenvolver de maneira autônoma, buscando no lucro o seu objetivo. Mas é necessário, no específico caso da espionagem, adotar certas cautelas que são inerentes a uma área notoriamente sensível para os Estados.

Inspirados no paradigma da *realpolitik*, parece-nos que a busca pela paz perpétua é factível de maneira muito menos embaraçada quando não se inserem na equação fatores outros como, por exemplo, a completa transparência nas relações estatais, que decorreria de uma extensa exposição de dados a todos aqueles que detivessem os recursos que satisfizessem os interesses econômicos da indústria da espionagem.

Paradoxalmente, a paz eterna somente poderia ser atingida caso houvesse certo véu de mistério nas relações estatais, pois acreditamos – e aqui afastamo-nos da filosofia de Kant – não ser exequível que os Estados venham a se portar de maneira pacífica quando sabedores de todas as fraquezas e defeitos que acometem o seu vizinho. Pelo contrário, nesse estado de coisas, termina havendo, como ponderou o pensador chinês Sun Tzu, uma predisposição para a guerra, uma vez que a vantagem que se tem sobre o inimigo torna possível vencê-la sem nem sequer “desembainhar a espada” (SUN TZU, 2006, p. 21).

O ser humano, em que pese a lógica kantiana de melhoramento através da educação, é fruto também do ambiente onde se encontra. O atual estado das relações internacionais poderia ser estudado, pois de duas maneiras: ou encontramos-nos em uma sociedade sem máscaras, onde toda a informação é disponível e o invisível passa a ser o impossível, ou então as sobrepostas camadas de segredos estatais tornam o que nós vemos uma parcela infinitamente mínima do que de fato existe no mundo, dando-nos na verdade uma visão parcial e turva do que a realidade se tornou.

Se cada um destas visões dicotômicas fossem aceitas como verdade absoluta o pensamento kantiano estar-se-ia perdido na má utilização das ferramentas educacionais que se colocam à disposição do ser humano.

Neste ponto é importante notar que o segredo faz parte da natureza humana¹⁴, e sendo os Estados nada mais do que projeções das vontades humanas – pelo menos em uma visão democrática –

¹⁴ Fazendo coro a tal afirmação é interessante observar o estudo realizado na Universidade de Columbia nos Estados Unidos que discutiu acerca dos segredos e como estes fazem parte da natureza humana de maneira extremamente

também cabem a eles manter junto de si alguns temas ou assuntos que entendam ser de vital importância para seus interesses nacionais.

Ao se encontrar perante um mundo em que os Estados estariam em pé de igualdade, ao menos informacional, a lógica que atualmente impede que o mundo enfrente cada vez mais conflitos pode ser desfeita, pois não haveria mais um sistema de freios e contrapesos que mantivesse a ordem estabelecida atualmente.

É importante ressaltar, por certo, que não se está desenvolvendo uma crítica no sentido do atual estado das relações internacionais serem ideais, nem também que estas clamam por uma radical e célere mudança de paradigmas, haja vista este não ser inclusive o tema deste artigo; o que se pretendeu demonstrar é que a abertura desenfreada e pouco refletida – filosoficamente, antropologicamente, militarmente e economicamente – para uma sociedade de transparência total pode ser um passo a uma desestabilização que vitimaria a sociedade em escala global.

Conclusão

Pretendemos com o presente artigo estabelecer uma conexão de índole filosófica entre as obras de diversos autores – com especial ênfase nas ideias expostas por Immanuel Kant em *A paz perpétua* – e o tema da indústria da espionagem.

Procuramos, inicialmente, trazer à baila a peculiaridade do instrumento da espionagem, realizando uma pequena incursão na história e demonstrando que diversos pensadores do ocidente e do oriente investigaram esta ferramenta com interesse no campo da política e da estratégia militar.

A seguir, analisamos a mencionada obra de Kant na tentativa de trazer à tona o paradoxo existente entre a natureza da atividade da espionagem e a necessidade que têm os Estados em manter a paz através de suas relações comerciais.

Verificamos, então, o paradoxo aventado diante do conceito de *realpolitik*, demonstrando não ser possível, ao nosso ver, a abertura comercial para que indústria da espionagem venha a fazer negócios com quem queira, de modo a buscar o capital como fim exclusivo, pois suas características peculiares constituiriam impedimentos naturais à concretização da paz eterna proposta.

Valendo-nos da *realpolitik* e afastando-nos do ideário de Kant, procuramos então construir a ideia de que a implementação ou manutenção da paz mundial somente seria possível no caso de que se mantivessem alguns dados sob o véu do sigilo, pois a abertura completa e irrestrita de dados a todos

intrínseca (SLEPIAN, Michael L., CHUN, Jinseok S., MASON, Malia F. The experience of secrecy. Disponível em: <http://www.columbia.edu/~ms4992/Pubs/in-press_Slepian-Chun-Mason_JPSP.pdf>. Acesso em: 13 fev 2019).

que dispusessem de numerário para adquiri-los causaria inúmeras rachaduras no tecido das relações internacionais, as quais seriam exploradas, como corolário, por todos aqueles que tivessem a oportunidade de atacar as fraquezas de seus adversários.

Concluimos, desta forma, que, para que haja a busca pela paz perpétua defendida por Kant, faz-se necessário realizar uma interpretação de sua obra em conjunto com elementos de outras disciplinas e teorias, de modo a extrair um entendimento que, ainda que imperfeito, venha a compreender a situação atual, sem desdobrar-se em apreciações sublimes, e tendo como norte não a paz perpétua, mas sim a paz que se possa alcançar.

ESPIONAGE INDUSTRY: COMMERCIAL BRIDGE OR OBSTACLE FOR PEACE?

Abstract:

The present article aims to bring up the question of the espionage industry in a philosophical and anthropological perspective due to the paradoxical difference between its objectives, that is, search for peace and security as a counterpoint to economic gains. Initially, it will seek to establish a prospect about espionage activity as a historical power tool, evolving from military tactics to an industry branch that holds significant financial gains, especially over the last decades. This analysis will be followed by bringing to light Kant's work, *Perpetual Peace*, and its impact on the espionage industry. Then comparisons will be made with *Realpolitik* and its applicability to the theme, seeking to verify if the aforementioned objectives can coexist. The present article tried to use historical and contemporary elements, making a relation between current geopolitics and the historical roots of espionage in the search for its targets.

Keywords: espionage industry; commerce; peace; Kant; international relations.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BLOCH, Jan Gotlib. **The future of war**. Boston: Ginn & Company, 1903.

ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. *Realpolitik*. Disponível em:
<<https://www.britannica.com/topic/realpolitik>>. Acesso em: 06 out 2018.

GERHARDT, Luiza Maria. *A paz perpétua*, de Immanuel Kant. **Revista Educação PUCRS**. Porto Alegre, p. 143 – 154, n. 1, Jan/Abr. 2005. p. 144

GROTIUS, Hugo. **The rights of war and peace**. Trad. A. C. Campbell. New York – London: M. Walter Dunne, 1901. Disponível em: <<http://oll.libertyfund.org/titles/grotius-the-rights-of-war-and-peace-1901-ed>>. Acesso em: 05 out 2018.

HOBBS, Thomas. **De Corpore, Part I, Chapter I (On Phylosophy)**. In: Thomas Hobbes, *The English Works of Thomas Hobbes of Malmesbury*. London: John Bohn, Henrietta Street, Convent Garden, 1839

KANT, Immanuel. **A paz perpétua, um projecto filosófico**. Trad. Arthur Morão. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008.

KISSINGER, Henry. **Diplomacy**. New York: Simon & Schuster, 1994.

MAKINDE, Adeyinka. **Book Review: On Intelligence: The History of Espionage and the Secret World**. *Global Security and Intelligence Studies*: Vol. 2: No. 1, Article 8.

MAKUCH, Ben. Canada is using private intelligence contractors for its special forces. **Vicenews**, New York, 01 mar 2018. Disponível em: <https://news.vice.com/en_ca/article/evm8m7/canada-is-using-private-intelligence-contractors-for-its-special-forces>. Acesso em: 13 fev 2019

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MURPHY, Jack. Their god is money: American intelligence contractors working for the UAE. **NEWSREP**, Incline Village, 31 jan 2019. Disponível em: <<https://thenewsrep.com/113471/their-god-is-money-american-intelligence-contractors-working-for-the-uae/>>. Acesso em: 13 fev 2019

NODARI, Paulo César. **A garantia da paz perpétua e a educação em Kant**. IX Seminário de pesquisa em educação da região sul, 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/96/851>>. Acesso em: 12 fev 2019.

PHIFER, Michiko. **A Handbook of Military Strategy and Tactics**, New Delhi: Vij Multimedia, 2012

SLEPIAN, Michael L., CHUN, Jinseok S., MASON, Malia F. **The experience of secrecy**. Disponível em: <http://www.columbia.edu/~ms4992/Pubs/in-press_Slepian-Chun-Mason_JPSP.pdf>. Acesso em: 13 fev 2019

STOCKHOLM INTERNATIONAL PEACE RESEARCH INSTITUTE (SIPRI). Global arms industry: US companies dominate the Top 100; Russian arms industry moves to second place. **SIPRI**, Solna, 10

dec 2018. Disponível em: <<https://www.sipri.org/media/press-release/2018/global-arms-industry-us-companies-dominate-top-100-russian-arms-industry-moves-second-place>>. Acesso em: 13 fev 2019.

SUN TZU. **A arte da guerra**. Trad. Sueli Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM, 2006.

TOMÁS DE AQUINO. **Comentários à Ética a Nicômaco de Aristóteles I-III**. Vol. I: O bem e as virtudes. Trad. Bernardo Veiga e Paulo Faitanin. Rio de Janeiro: Mutuus, 2015.

UCHITELLE, Louis. The U.S. still leans on the military-industrial complex. **New York Times**, New York, 22 set 2017. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/09/22/business/economy/military-industrial-complex.html>>. Acesso em: 05 out 2018.

Trabalho recebido em 19 de novembro de 2018

Aceito em 15 de fevereiro de 2019